

OS SETE SABERES DE EDGAR MORIN SÃO NECESSÁRIOS TAMBÉM À COMUNICAÇÃO

The Seven Knowledges of Edgar Morin are also necessary for communication

Ricardo Osman Gomes Aguiar¹
Daniel Lisboa Soares²
Renata Ferraz de Toledo³
Arnaldo Rocha⁴

RESUMO

As escolas brasileiras nas áreas de Comunicação e Educação enfrentam desafios semelhantes quanto à qualidade da formação acadêmica, humana e ética de futuros profissionais jornalistas, editores e professores. Considerando esse cenário, propõem-se um ensaio bibliográfico aproximando *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, (MORIN, 1999), das contribuições possíveis à Comunicação, em especial

¹Médico Veterinário pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU – SP (2015). Escritor e jornalista. Bacharel em Comunicação Social formado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1984. *E-mail*: ricardosmanfmu@gmail.com

²Mestre em Saúde Ambiental pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU – SP. Bacharel e licenciado em Psicologia (Faculdade de Guarulhos – SP). Especialista em Gestalt-terapia (Sedes Sapiente – SP) em Psicologia Organizacional e Gestão de Pessoas (Unib-Espro). *E-mail*: daniel.soares@fmu.br

³Licenciada em Ciências Biológicas pela UNESP – SP. Especialista em Educação Ambiental pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Mestra e Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Pós-Doutora pela Faculdade de Educação da USP. Docente no Programa de Mestrado Profissional em Saúde Ambiental do Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU – SP. Editora executiva da revista *Ambiente & Sociedade*. Professora no curso de Especialização em Saúde Pública com ênfase na Estratégia Saúde da Família, do Centro Universitário São Camilo. *E-mail*: renata.toledo@fmu.br

⁴Professor no Programa de Mestrado Profissional de Saúde Ambiental e no Programa de Mestrado Profissional de Saúde e Bem Estar Animal do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU – SP. Professor no Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, nos cursos de medicina veterinária e enfermagem. Mestre em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo. *E-mail*: rochaveterinario@hotmail.com

Revisão: Otávio Daros

Data da submissão: 18.3.2019

Data do aceite: 9.9.2019

ao jornalismo. O afastamento do jornalista William Waack, da Rede Globo, em 2017, após episódio considerado racista, fortalece as discussões sobre a formação dos jornalistas. Nesse sentido, reflexões do filósofo e sociólogo na obra supracitada, inicialmente para contribuir com a formação de profissionais da educação, ganham, aos poucos, relevância em outras áreas. A partir de eixos norteadores para se repensar a educação do século XXI, reconhece-se, neste artigo, *Os sete saberes* de que fala Morin como necessários também aos profissionais que lidam com conhecimento, ética, respeito à diversidade, o futuro do Planeta e cidadania.

Palavras-chave: Educomunicação. Mídia. Edgar Morin. Formação de jornalistas. Racismo.

ABSTRACT

While offering a degree in Communication or Education Brazilian Universities face similar challenges regarding the academic, humanistic, and ethical standards of the next generation of journalists, editors and teachers. Considering the actual scenario, this essay aims to enhance the possible application of the ideas introduced by Edgar Morin in *Seven complex lessons in education for the future*, book published in 1999, to Journalism as a profession. The termination of William Waack, a Brazilian journalist who worked for Rede Globo, in 2017, after an episode involving racism, strengthens the debate about the background of journalists. Concerning this background, the ideas introduced as a contribution to Education professionals by the philosopher and sociologist, gradually gain relevance in other areas. Starting with the proposed guiding axes to the rethinking of the 21st century Education, this essay seeks the recognition that the *Seven complex lessons* are also necessary for professionals dealing with knowledge, ethics, respect for diversity, the future of the planet and citizenship.

Keywords: Educommunication. Media. Edgar Morin. Journalists training. Racism.

INTRODUÇÃO

A formação de jornalistas e editores de qualidade, a exemplo do que ocorre em relação ao preparo para a docência, apresenta inúmeras fragilidades, especialmente diante de novos métodos e recursos no presente século. (ABREU; FREITAS, 2017). Em paralelo, na área da Comunicação, a elaboração do conhecimento, da análise e da informação levada aos leitores, internautas, ouvintes e telespectadores é função básica de repórteres, editores e diretores de mídias de comunicação social. Assim, transferir informação de qualidade na mídia e produzir conhecimentos nas salas de aula, aplicáveis ao cotidiano, são atividades similares, sobretudo com as novas possibilidades de interação criadas pela internet.

É sabido que a educação depende de processos eficazes de comunicação, ou seja, a educação é mediada pela comunicação. Da mesma maneira, não basta a transferência de informações para garantir a comunicação. É necessário construir significados, gerar entendimentos. Tem-se, portanto, a demanda por relações de troca entre sujeitos, tanto na educação como na comunicação, sendo ambos processos essenciais para o exercício da cidadania. (PELICIONI; PELICIONI; TOLEDO, 2013).

A aproximação entre essas duas áreas de conhecimento, a partir das ideias de Paulo Freire sobre o campo comunicacional, são trazidas também por Temer e Santana (2014), na obra *Educação e comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre o jornalismo de serviço à luz do pensamento freireano*. E, de fato, o pensamento de Freire a esse respeito permanece atual: “O que caracteriza a comunicação, enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1985, p. 45). Já “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1985, p. 46).

A proximidade entre os dois campos tradicionais, o da Comunicação e o da Educação, ganhou ainda mais força há vinte anos, quando se firmou no Brasil o conceito de Educomunicação. (SOARES, 2014). Em maio de 1998, especialistas reuniram-se em São Paulo, no I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação. O Congresso foi organizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP) com o apoio do *World Council for Media Education (WCME)*, com o tema *Multimedia and Education in a Globalized World*. O professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo, ressaltou a importância do evento, no artigo *Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação*. Para o autor, foi um efetivo diálogo entre profissionais dessas duas áreas do conhecimento.

Para o exercício de seu escopo, o conceito da Educomunicação pressupõe a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). (SOARES, 2014, p. 23).

Outros pesquisadores, como Vani Moreira Kenski, também destacam essa proximidade entre as áreas da Educação e da Comunicação. “Essa

aproximação é mais ampliada ainda pela forma como ambas são requisitadas no atual momento da sociedade” (2008, p. 650), afirma Kenski no artigo *Educação e Comunicação: interconexões e convergências*. Segundo a autora, as categorias distintas representadas pela educação e pela comunicação sofreram uma curiosa e grande convergência entre si e com todas as áreas do conhecimento, com todas as formas de expressão, com toda a visão utópica de progresso e a necessidade de melhor formação do ser humano na atualidade.

Com *O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia*, Meditsch e Faraco (2008) destacam a opinião de Sérgio Guimarães sobre educação e comunicação de massa. Guimarães é autor com Paulo Freire do livro *Sobre educação: diálogos*, que destaca o papel educativo exercido pela mídia. Nas palavras de Guimarães, em entrevista concedida a Meditsch e Faraco para o artigo, a contribuição do livro foi mostrar o papel da comunicação enquanto formadora de opinião das pessoas.

Não existe essa questão do “eu simplesmente informo”, ou “eu faço mais do que isso, eu educo” [...]. Para mim, esta distinção – que poderia ser feita por alguns, entre o informar e o educar – não existe como algo separado. Não acredito que uma pessoa possa dizer que está apenas informando, sem que isso constitua, de uma forma ou de outra, parte de um processo pedagógico. Para que o indivíduo possa absorver determinada informação que um jornalista transmite, o leitor, o ouvinte, o telespectador precisam necessariamente desenvolver um processo de aprendizado, um processo educativo, quer o jornalista esteja consciente, quer não, afirma Sérgio Guimarães. (MEDITSCH; FARACO, 2008, p. 12).

Assim, para que o processo de educação e/ou de comunicação ocorra, algumas barreiras devem ser consideradas, não como algo a ser vencido, mas, sim, como algo a ser enfrentado com o devido respeito aos contextos e às diversidades. Conforme destaca Santos (2014), são elas: atenção, percepção, aspectos sociais, morais, culturais, éticos, econômicos, cognitivos, situacionais, além daqueles diretamente relacionados aos veículos utilizados para tal finalidade.

As novas tecnologias, entendidas como instrumentos no ensino e na comunicação, não alteram o desafio que é o da formação dos profissionais nas escolas e nas redações. “Os jornais, tanto quanto outras mídias, vivem momento importante em sua história, acossados por novos sistemas de difusão de informações, surgidos na esteira de uma revolução tecnológica”, afirmou, em 1997, o então diretor de redação de O Estado de S. Paulo,

Aluizio Maranhão, na apresentação do *Manual de redação e estilo*, da empresa, (MARTINS FILHO, 1997, p. 6).

Esse Manual teve 500 mil unidades vendidas, entretanto, não dedicou qualquer trecho à ética do gênero humano, aos erros e às ilusões do conhecimento nem à necessidade de compreensão da condição humana, e à relação com as fontes de informação, em seus contextos sociais e culturais. O manual orienta somente para o estilo de texto, a grafia, as regras gramaticais do jornalismo, e se tornou base da formação e educação dos novos profissionais do jornalismo.

“O jornalismo, como se sabe, funda-se por um direito político e por uma conquista histórica, a ideia democrática de que todo poder emana do povo e em seu nome é exercido”, diz Bucci, em *Na TV, os Cânones do jornalismo são anacrônicos*. (MIRANDA, 2011). O jornalismo é ética antes de ser uma técnica ou ofício de mercado e é instaurado pela ideia de que o poder emana do povo e de que o público, como conjunto de cidadãos, tem o direito de saber. Por isso, existe o jornalismo como função pública. (MIRANDA, 2011). Assim, Eugênio Bucci coloca a ética no centro das redações de jornais, internet, TVs e rádios.

No artigo *Modernidade e mídia: o crepúsculo da ética*, Olgária Matos afirma que criticar a cultura contemporânea requer incluir a crítica à mídia. (MIRANDA, 2011).

Assim como na antiguidade romana o livro perdia sua luta contra os anfiteatros de gladiadores e todos os teatros da crueldade, hoje a educação formadora do espírito livre, de tolerância e compreensão do outro, está sendo vencida pelas forças indiretas das mídias padronizadoras da sensibilidade e do pensamento. (MIRANDA, 2011, p. 126).

Nesse contexto, ganha novos espaços o pensamento do filósofo, antropólogo e sociólogo francês Morin, autor de *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, destinado inicialmente a professores, pedagogos e líderes da área de Educação. Petraglia lembra que, em 1999, a Unesco, por meio de seu presidente Frederico Mayor, solicitou a Edgar Morin a elaboração de um conjunto de reflexões que servissem como eixo norteador para se repensar a educação do século XXI. Após a sistematização das ideias preliminares, o autor as submeteu a educadores de diferentes países, a fim de propor, receber e incluir subsídios, a partir de realidades diversas. Em 2000, logo após a publicação na França, a Unesco lançou o livro no Brasil.

“Morin é um humanista convicto e transdisciplinar, criador do ‘Pensamento Complexo’, que promove diálogo entre as ciências e a busca das relações entre os diversos tipos de pensamento”, define Petraglia. (2012, p. 2). A autora esclarece que o pensamento complexo se propõe a unir os múltiplos aspectos presentes no universo e os conhecimentos dispersos. Nessa perspectiva, Morin propôs um conjunto de sete saberes fundamentais a serem ensinados na escola, como subsídio para o enfrentamento de limitações do processo de ensino e aprendizagem que são geradas, sobretudo, pela fragmentação dos conhecimentos e pelo parcelamento disciplinar.

A reflexão desses saberes consiste na possibilidade de apreensão de uma concepção transdisciplinar do conhecimento que implica, antes de tudo, em reformar o pensamento. Entendemos que essa perspectiva polissêmica nos permite melhor enfrentar os desafios da atualidade, compreender o nosso lugar no mundo e, interferir nos desígnios do Planeta, de maneira responsável e ética. (PETRAGLIA, 2012, p. 2).

Essa compreensão e esse poder de intervir, de maneira responsável e ética, são igualmente essenciais aos profissionais da comunicação. Considera-se, por isso, que *Os sete saberes...* podem contribuir de maneira efetiva para a comunicação social alcançar no Brasil um patamar de melhor prestação de serviço às comunidades e à sociedade, sobretudo em um país em que se deixou de exigir, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2009, diploma de nível superior para o exercício do jornalismo. *Os setes saberes...* propostos por Morin são:

- As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.
- Os princípios do conhecimento pertinente.
- Ensinar a condição humana.
- Ensinar a identidade terrena.
- Enfrentar as incertezas.
- Ensinar a compreensão.
- A ética do gênero humano.

Considera-se que *Os sete saberes...*, conforme serão apresentados mais à frente no texto, podem inspirar a formação de repórteres, editores e diretores de mídia e contribuir no enfrentamento de determinadas deficiências

associadas, por exemplo, à falta de qualidade das informações, ao despreparo de profissionais da área, ao racismo e a outras formas de preconceito.

Portanto, ressalta-se a necessidade de reflexões cada vez mais aprofundadas, aproximando o jornalismo enquanto subárea da Comunicação à Educação e aos conceitos propostos por Morin, em especial aos da obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, não para atingir a completude ou a verdade absoluta, haja vista que “a totalidade é simultaneamente verdade e não verdade.” (MORIN, 2007, p. 97).

Para tal, assume-se nesse ensaio bibliográfico uma abordagem crítico-reflexiva e até certo ponto reducionista (MENEGETTI, 2011), contradizendo a própria complexidade proposta por Morin. Contudo, não se objetiva um trabalho absolutamente concluído, sem possibilidades de acréscimos, pelo contrário, trata-se de uma provocação em que cada leitor ao reagir às reflexões aqui propostas, poderá ressignificar e produzir novos saberes.

As pesquisas ou pensamentos, na direção da totalidade verdadeira, não contemplam a completude, pois sempre haverá a possibilidade de mais interações e mais dúvidas que estimulem mais pesquisas e melhor compreensão da complexidade. (MORIN, 2007).

1 “COISA DE PRETO”: COMENTÁRIO RACISTA “CORDIAL” TAMBÉM É CRIME

“Tá buzinando por que, seu m... do c...? Não vou falar porque eu sei quem é. É preto. É coisa de preto”, disse o jornalista referindo-se ao motorista que buzinaava ao fundo na paisagem de Washington, capital dos Estados Unidos. O jornalista que deu a declaração, diante das câmeras de TV que gravaram as frases racistas, era William Waack, da Rede Globo, que se preparava para entrar ao vivo na cobertura da eleição presidencial norte-americana de 2016.

No dia 8 de novembro de 2017, um vídeo expondo as declarações de William Waack foi divulgado nas redes sociais do Brasil. Fora gravado por funcionários da emissora em São Paulo, que se indignaram com as declarações. Horas depois do vídeo viralizar nas redes sociais, a direção da TV Globo anunciou o afastamento do apresentador do Jornal da Globo, por “racismo” e pediu explicações ao profissional.

Um dos mais respeitados jornalistas do País, que começou sua carreira no jornal O Estado de S. Paulo, foi correspondente na Europa, e chegou a

âncora de telejornais da Globo, sucumbiu às suas próprias falhas, preconceitos e despreparo, exibindo as limitações na carreira. Em defesa própria, Waack disse que tudo não passou de uma “piada” de mau gosto. Mas a emissora manteve-se convicta do racismo expresso, e após o afastamento, rescindiu o contrato com o funcionário. A emissora divulgou nota: “A Globo é visceralmente contra o racismo em todas as suas formas e manifestações. Nenhuma circunstância pode servir de atenuante”, diz o comunicado da TV Globo. (O GLOBO, 2017). Fundada na década de 1960, a Rede Globo procurou defender princípios de seu fundador, o jornalista Roberto Marinho, já falecido.

Profissional de alto gabarito, com fluência em alemão e inglês além de português, autor de livro sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial e palestrante, William Waack expôs um problema que pode estar em outras redações de jornais e TVs. Waack está sozinho? Não. Na gravação em Washington, ele aparece ao lado de outro renomado jornalista, Paulo Sotero, ex-correspondente nos Estados Unidos de O Estado de S. Paulo, que sorriu e, aparentemente, não se indignou com a declaração de Waack. Paulo Sotero é diretor do *Brazil Institute do Woodrow Wilson International Center for Scholars*, organização norte-americana que busca defender os valores da cidadania em todo o mundo.

O problema está entre a distância da formação técnica e a atitude considerada racista. “Waack pode até ser brilhante, mas cometeu mais do que um desliz numa conversa privada, sem saber que se tornaria pública. O fato é que fez piada racista”, escreveu Alexandra Loras em artigo publicado pela Folha de S. Paulo. (LORAS, 2017, p. A3).

O “coisa de preto” desmascarou a deficiência de formação de muitos profissionais da área de Comunicação social em pontos como ética, moral e diversidade. Os fatos expostos em um flagrante mostraram as contradições da mídia no País e servem de alerta, ao considerarmos que os dois profissionais eram líderes em suas categorias. Em um mundo em que a técnica de comunicação e a tecnologia expõem seus limites, em um universo invadido pelas *fake news*, o pensamento de Morin é por demais necessário na formação dos profissionais que cuidam do conteúdo de jornais e de complexos multimídia. Portanto, suas ideias não devem estar restritas à área de educação.

A *ombudsman* da Folha de S. Paulo, Paula Cesarino Costa, também escreveu sobre o episódio no jornal:

Um dos papéis da imprensa é revelar facetas incômodas dos personagens que investiga. Quando um dos seus repete

comportamentos que condenariam em personalidades públicas, os grupos jornalísticos não podem se omitir, sob risco de se tornarem cúmplices. A punição a Waack não deve ser comemorada. É sinal de alerta para todos os jornalistas. (COSTA, 2017, p. A10).

Um alerta que traz reflexão sobre a oportuna contribuição dos *Os sete saberes...* em outros campos.

2 OS SETE SABERES DE MORIN E A COMUNICAÇÃO SOCIAL

O texto de Morin, traduzido para o português, disponível no portal do Ministério da Educação (MEC) do governo brasileiro, serve de base para nossa análise sobre sua importância na formação de profissionais das redações de jornais, *sites* e TVs e não somente para professores.

2.1 Primeiro saber: conhecimento

Segundo Morin (1999, p. 257): “O conhecimento do conhecimento requer um pensamento complexo, que requer necessariamente o conhecimento do conhecimento”.

O ensino é estímulo para a construção de conhecimentos e de transformações. As pessoas passam a saber algo que não sabiam e devem considerar a possibilidade de erros e ilusões que podem ocorrer no processo. As crenças, por exemplo, podem ser tidas como verdades para uma época, mas desveladas mais adiante. A realidade é relativa ao tempo e à “tradução” que as pessoas fazem dos fatos ou conhecimentos. Então, conhecimento e realidade podem não ser tão correspondentes assim, pelo menos essa correlação não é eterna, é contemporânea, e pode estar acompanhada de novas traduções e reconstruções. (MORIN, 2001, p. 20).

Enquanto na educação esse conhecimento deve ser construído ou reconstruído, os meios de comunicação, ao transmitirem informações, podem também contribuir para a produção de novos conhecimentos, dependendo da maneira como são apropriados pelo público. Por exemplo: os meios de comunicação podem oferecer a matéria-prima aos futuros historiadores. E, desde o advento da imprensa, jornais oferecem uma versão dos conhecimentos em cada época, e noticiam descobertas que desfazem equívocos. Repórteres e editores correm o risco de ter uma visão superficial da evolução do conhecimento e relatarem fatos e descobertas sem o devido encadeamento histórico. Além disso, uma visão centrada demasiadamente nos tempos contemporâneos pode levar a análises equivocadas sobre temas

do passado, por não considerar o conhecimento pertinente a cada época, e até a cada povo ou nação. Em adição, conforme afirmou o jornalista Jesus Chediak, diretor de Cultura e Lazer da Associação Brasileira de Imprensa, “se daqui a 100 anos nós quisermos saber o que aconteceu neste momento, vamos consultar os jornais. Mas, citando Cícero Sandroni, atualmente no Brasil não existe liberdade de imprensa, mas sim liberdade de empresa”. (ABI, 2011).

2.2 Segundo saber: princípios do conhecimento pertinente

Conhecimento pertinente é aquele que respeita o objeto a que se refere, sem cortar e desprezar pedaços ou diferentes pontos de vista. Tradicionalmente, o ensino nas escolas brasileiras é disciplinar, estuda-se disciplina por disciplina isoladamente, Matemática, Língua Portuguesa, dentre outras, mas se faz necessário conhecer as conexões complexas e “invisíveis” importantes para o conhecimento do conjunto e da complexidade de todo o contexto. (MORIN, 2001, p. 35).

Pode-se observar aqui que, na Comunicação, as notícias são, muitas vezes, apresentadas de forma também segmentada, em formato tradicional e conforme classificação por editorias que limitam muitas vezes sua abrangência. As editorias dos jornais e TVs em geral são: Política, Economia, Internacional, Cidade/Cotidiano, Esportes, Cultura, entre outras. Mas há assuntos internacionais como, por exemplo, testes nucleares na Coreia do Norte, que impactam diretamente na economia, nos mercados financeiros, mas estão publicados na sessão Internacional. Entretanto, suas consequências podem ser nacionais, sobre a economia brasileira, e daí sua importância. Porém, essa informação publicada na editoria Internacional pode levar ao leitor a ideia de que nada no Brasil tem a ver com aquele fato. Ora, e por que em 2017 e 2018 tivemos tantas notícias sobre as ameaças da Coreia do Norte ao Japão? Morin vem aqui facilitar a vida do leitor, fazendo com que as editorias conversem mais entre si e ofereçam uma informação ainda mais completa, mesmo que remetendo o leitor a outras editorias, por meio de avisos (Ex.: leia mais em Economia).

Os leitores poucas vezes encontram notícias multidisciplinares ou artigos que relacionam editorias diferentes. Essa abrangência maior ocorre nos cadernos temáticos ou em reportagens especiais. Petraglia escreveu, conforme já mencionado, sobre os *Saberes* de Morin para a educação, mas suas palavras servem, também, para qualificar a formação dos profissionais da mídia, ao destacar a importância da transdisciplinaridade para melhor compreender a realidade, diante da circulação cada vez maior e mais rápida das informações:

Transdisciplinaridade propõe a religação das diferentes áreas da ciência e dos saberes que estão dispersos. Cada vez mais é difícil o enfrentamento de problemas sem que se associe grande contingente de informações circundantes e circulares, capazes de gerar intersecções de variáveis e circunstâncias. O próprio prefixo trans já indica a transcendência de tempo e lugar que, também explica o que se coloca além, através e entre as disciplinas. (PETRAGLIA, 2012, p. 12).

2.3 Terceiro saber: condição humana

Os programas educacionais ainda não conseguem decifrar por completo a identidade humana. Cada vez mais se conhecem os aspectos biológicos da espécie humana assim como sua dimensão psíquica, que também tem sido desvendada. Porém, a complexidade da identidade da espécie humana continua indecifrada.

Os estudos fragmentados, disciplinares (disciplinas isoladas) dificultam a compreensão do todo. Por exemplo: há um longo trajeto a ser conquistado quanto ao conhecimento das sociedades que influenciam o modo de ser dos indivíduos, mas que também estão “impressos” nas formas de viver das pessoas. As pessoas estão na sociedade e a sociedade está nas pessoas. (MORIN, 2001, p. 47). A sociedade surge das interações dos indivíduos, abrangendo a linguagem, a cultura e, dessa forma, a espécie humana, os indivíduos e a sociedade são interdependentes e indissociáveis. (MORIN, 2010).

Normalmente, é comum nas redações de jornais e TVs, os entrevistados, quando não são figuras públicas, serem identificados apenas com o tipo de trabalho (o motorista de ônibus, o médico, o pedreiro, etc.) e, portanto, são seres “sem” condição humana, pegos em determinado momento em uma notícia fragmentada ou em repercussão de algo relevante para os editores. “O professor tal disse o que achou de determinada medida do governo”, em resposta a um repórter. Este tipo de abordagem e descrição reduz a condição humana do entrevistado à sua função profissional e exclui sua formação acadêmica, local de moradia, relação com a comunidade, formação religiosa, condição civil, seus anseios e suas crenças. Certamente, não seria viável nem necessário incluir todas essas informações de entrevistados nas notícias; por outro lado, as respostas poderiam ser melhor compreendidas se associadas ao contexto social, cultural, econômico, etc., dos entrevistados.

2.4 Quarto saber: identidade terrena

Baseado no sentido semântico da palavra compreender (do latim *compreendere*: reunir múltiplos elementos capazes de explicar algo), Morin (2001, p. 47) afirma não sermos estimulados ou ensinados a compreender a condição humana no Planeta. A educação do futuro deverá contemplar esses pontos, incluindo a condição cósmica, física, terrestre, cultural, histórica, individual e coletiva, mostrando e ilustrando o destino multifacetado do humano.

Nesse ponto, as palavras de Morin são fundamentais ao jornalista que na busca da imparcialidade (objetivo utópico), mostra-se demasiadamente frio e distante dos acontecimentos. O flagrante sobre William Waack e Paulo Sotero é exemplo do que ocorre em muitos bastidores de notícias: a falta de compaixão com os menos favorecidos, com vítimas de enchentes, de epidemias, de mazelas do Poder Público. Em *sites* de notícias, vídeos sobre acidentes, atropelamentos e mortes são explorados, e revelam a sordidez de um espetáculo romano, só que dessa vez o Coliseu está *online*. Um profissional de comunicação social deveria defender outros princípios, considerando a dor das vítimas e de seus familiares, e evitar vídeos e fotografias que denigrem a condição humana (SCHMITZ, 2014). E Petraglia (2012) complementa:

Diante de um cenário educacional que, há séculos, privilegiou a formação disciplinar e especializada, necessitamos de um tipo de pensamento que seja uno e múltiplo, ao seu tempo, para dar conta dos fenômenos contemporâneos, cada vez mais abrangentes. Precisamos substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento que seja complexo – *complexus*: o que é tecido junto. Um pensamento complexo religa os pensamentos racional-lógico-dedutivo aos mítico-mágico-imaginário, para a compreensão do mundo e da condição humana. (2010, p. 11).

2.5 Quinto saber: enfrentar as incertezas

A incerteza é o quinto saber considerado por Morin como necessário à educação do futuro; neste artigo, a sugestão é inclui-lo, também, como indispensável à boa comunicação, porque a incerteza pode surgir, inclusive, naquilo que parece certo e imutável. Por exemplo: num sistema totalitarista, as pessoas consideradas diferentes são discriminadas, às vezes eliminadas. Se na cúpula do Estado, porém, surgir alguém portador de características desiguais, o totalitarismo tende a se abrandar, e o que era certo perde força. A desconstrução e reorganização, muitas vezes, propulsionam a

transformação por vezes considerada historicamente como evolução. Assim, pode-se citar a industrialização e o capitalismo exterminando modos tradicionais de viver de impérios e cidades da Antiguidade. (MORIN, 2001).

Os veículos de comunicação são obcecados por certezas e previsões, e parecem ganhar pontos diante da audiência, suas profecias são confirmadas. Há especialistas para todo tipo de certeza, sobre o clima amanhã, sobre o desenrolar das campanhas presidenciais e sobre o impacto de determinadas medidas econômicas. São tão variadas as certezas indicadas para as quedas e altas das ações nas Bolsas de Valores, que geram incertezas. Mas, dificilmente retornam ao tema diante do inesperado, diante de suas falhas e precipitações quando suas previsões não se confirmam.

2.6 Sexto saber: ensinar a compreensão

A condição planetária abrange todos os povos, que passam a ser solidários voluntária ou involuntariamente, por exemplo, no tocante às ameaças nucleares e à destruição do meio ambiente, gerando ameaças ecológicas mundiais. A globalização, as interligações mundiais, a velocidade das coisas, como deslocamentos humanos e o acesso às informações mudaram o ritmo da História e, embora o mundo todo esteja conectado, as escolas ainda não têm aproveitado plenamente essa condição em seus processos de ensino e aprendizagem; se houve muito progresso da compreensão, mais ainda da incompreensão. (MORIN, 2001).

Se, por um lado, as redes mundiais de computadores e a telefonia facilitam a comunicação, por outro, não garantem a compreensão. “O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por esse motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro.” (MORIN, 2001, p. 93).

Sobre essa preocupação de Morin, tem-se que os veículos de comunicação de massa noticiam, em sua maioria, de maneira fragmentada a degradação da vida planetária. Na formação de seus profissionais, não oferecem uma visão global dos acontecimentos, mas de fatos isolados, e sob o ponto de vista sensacionalista: um incêndio incomum em uma floresta, uma barragem que desmorona em Minas Gerais, um degelo que matou tantos moradores de uma aldeia. Exploram, dessa forma, as emoções básicas (ou primitivas) de seus leitores, internautas e telespectadores e, portanto, abordam a degradação do Planeta não pela forma como podemos salvá-lo, mas apenas como um desfecho aterrorizante capaz de gerar audiência. O jornalismo sensacionalista e multimídia custa menos e exige menor formação do profissional. Os jornais, sites e emissoras de televisão são protagonistas desse problema destacado pelo filósofo: transmitem hoje

informações (negativas em sua maioria), sem a comunicação correta com interlocutores e a reflexão do que podemos fazer para melhorar as coisas. O noticiário lança pílulas de informação em uma escala absurda, a partir de repórteres que recebem várias pautas pela manhã, sem a devida discussão dos temas e preparação, o que parece deixar seus públicos apenas atônitos e antipáticos aos fatos. A coleção de desgraça não gera conhecimento e não é o conhecimento que se busca de fato. O que se busca é a rápida e fugaz audiência no sistema multimídia.

Fiquei estarecido ao constatar que a imprensa noticiou o terremoto do Haiti, mas não aprofundou o assunto. Anunciou uma catástrofe, mas não deu a matriz histórica explicativa e nem desdobrou as consequências da tragédia. Desta forma, você naturaliza a catástrofe. Terremoto ficou banal.

Disse o economista Carlos Lessa no Seminário *O papel do jornalismo no contexto cultural contemporâneo*, promovido pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em parceria com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJPMRJ), Instituto Casa Grande (ICG) e o Clube de Comunicação (ABI, 2011).⁵

2.7 Sétimo saber: ética do gênero humano

[...] A ética propriamente humana, ou seja, a antropo-ética, deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos: indivíduo/sociedade/espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro. (MORIN, 2001, p. 106).

Organizações não governamentais têm dado exemplos de desenvolvimento antropo-ético, como a Médicos sem Fronteiras, a *Green Pace*, a Aliança pelo Mundo Solidário, dentre outras, com ações que estão acima da religião, da política, da condição social ou de limites geográficos. Se preocupam com o indivíduo, a sociedade em que vivem, com a espécie humana, a humanidade e o futuro do planeta. (MORIN, 2001).

⁵ Evento realizado em comemoração ao 103º aniversário da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Mais informações estão disponíveis em: <http://www.abi.org.br/abi-debate-o-papel-do-jornalismo-na-atualidade/>.

Morin (2001, p. 14) pergunta, nesse ponto de seu texto: “Seremos capazes de civilizar a terra e fazer com que ela se torne uma verdadeira pátria?” Assim, é preciso saber qual o compromisso real dos veículos de comunicação em relação a essa colocação de Morin, e o que tem sido feito na formação dos repórteres e editores para que assumam tal responsabilidade, ou para que ao menos reflitam seriamente sobre o destino da humanidade.

Atualmente e, sobretudo, a partir das novas tecnologias da *internet*, a meta é sobreviver na briga por audiência nos meios de comunicação de massa e, a partir desse ponto, disputar os anunciantes e os recursos financeiros privados e governamentais que sustentam as empresas e garantem o lucro. A solidariedade e a capacidade de contribuir com esse processo educativo seguem em segundo plano, seja na reunião de pauta ou na formação dos repórteres iniciantes (os “focas”), dentro das empresas. O impacto das notícias é entendido como relevante quanto mais alarmante ela for e repercutir na audiência (não importa se o impacto é positivo ou negativo, ou se exigirá maiores esclarecimentos). Por isso, é comum ouvirmos que a televisão “só mostra desgraça”. Vale reforçar: isso exige menos recursos e menor preparo dos profissionais da comunicação. A presidente do Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro, Suzana Blass, ressaltou, em Seminário comemorativo ao aniversário da ABI:

A mídia hoje ocupa um espaço público, e por isso defendemos que o profissional desta área tenha uma formação sedimentada na ética e na responsabilidade. Contudo, na prática não é isso que a gente vê. Houve a derrubada do diploma na sociedade quando na verdade a gente tinha que ter revisto a formação profissional do jornalista [...]. (ABI, 2011).⁶

O ponto positivo é que os profissionais de mídia são defensores da democracia, condição essencial para o trabalho da imprensa. Democracia e imprensa livre caminham juntas. Todo poder emana do povo e em seu nome será exercido. Não à toa, a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos protege textualmente a “liberdade de imprensa” e a Constituição brasileira de 1988 também.

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), fundada em 1908, mantém vivo, como está em seu *site*, “o ideal de Gustavo de Lacerda, seu fundador,

⁶ O Supremo Tribunal Federal extinguiu em 2009 a exigência do diploma em Comunicação Social para o exercício profissional.

com o orgulho de nunca ter-se dobrado à intolerância e à violência dos governos ditatoriais”. Como afirma o professor Leonel Azevedo de Aguiar, diretor do Departamento de Comunicação Social da PUC-RJ, “é importante lembrar que a função do jornalismo é impulsionar a democracia,.” (ABI, 2011). Mas a liberdade de imprensa tem limites, como diz Aguiar:

Liberdade de imprensa significa que você não pode ter uma imprensa racista, homofóbica, com preconceitos de classe social, que seja misógina, que não respeite os direitos das comunidades indígenas, os direitos das pessoas idosas, das crianças e dos adolescentes. Ou seja, o limite da liberdade da imprensa é dado pela grandeza e pela defesa dos Direitos Humanos. (JORNAL DA PUC, 2018).

Isso significa dizer que jornalismo e ética são saberes absolutamente inter-relacionados e não podem prescindir um do outro no serviço à sociedade e na busca do bem comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XXI foi marcado pela revolução tecnológica na área de Comunicação Social, especialmente com a consolidação da internet e o surgimento das redes sociais. No entanto, a comunicação impressa, a televisão e as mídias digitais fazem transparecer desafios no tocante à formação de jornalistas e editores, que vão além das técnicas de notícias em tempo real e da interação de diversas mídias. Por trás das notícias estão profissionais, com formação moral e ética diversas, seus conhecimentos e também suas limitações, diante do complexo papel de transferir informação à sociedade.

Assim, frente às reflexões propostas neste artigo, considera-se que transferir informação de qualidade na mídia e produzir conhecimentos nas salas de aula, aplicáveis ao cotidiano, são atividades similares. Por isso, os sete saberes de Morin, destinados ao aprimoramento de profissionais da área de Educação são, igualmente, essenciais e urgentes na formação de profissionais da área de Comunicação. Portanto, discussões sobre o conhecimento pertinente, a identidade terrena, a ética e os desafios na compreensão da condição humana neste planeta, diante das inúmeras incertezas, estão na pauta do dia de grandes redações da atualidade, ao lado da defesa da liberdade de imprensa.

REFERÊNCIAS

ABI. *ABI debate o papel do jornalismo na atualidade*. 2011. Disponível em: <http://www.abi.org.br/abi-debate-o-papel-do-jornalismo-na-atualidade>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ABREU, HYPERLINK “<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ABREU,+JOSYANE+BARROS>” Josyane HYPERLINK “<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ABREU,+JOSYANE+BARROS>” Barros; FREITAS, HYPERLINK “<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ABREU,+JOSYANE+BARROS>” Barros; FREITAS, + NADIA + MAGALHAES + DA + SILVA” Nadia HYPERLINK “<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IscScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=i&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ABREU,+JOSYANE+BARROS>” Barros; FREITAS, + NADIA + MAGALHAES + DA + SILVA” Magalhães da Silva. Proposições de inovação didática na perspectiva dos três momentos pedagógicos: tensões de um processo formativo. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.*, Belo Horizonte, v. 19, e2734, 2017, p.1-20. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172017190123>.

COSTA, Paula Cesarino. Âncoras ao mar, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 2017, Ombudsman, p. A10. Ed. 32.365.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JORNAL DA PUC. *A voz que não pode calar*. Rio de Janeiro, maio 2018. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em: 3 set. 2019.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104, especial, p. 647-665, out. 2008.

LORAS, Alexandra. Tendências/Debates, *Folha de S. Paulo*, 17 nov. 2017, Opinião, p. A3, Ed. 32.372.

MARTINS FILHO, Eduardo. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*. 3 ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. *O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia*. Biblioteca online de Ciências da

Comunicação. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-faraco-mariana-pensamento-paulo-freire.pdf>. Acesso em: 3 set. 2019.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*. v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

MIRANDA, Danilo Santos (org.). *Debates Filosofia: Ética e Cultura*. São Paulo: Perspectiva Edições SESC, 2011.

MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

O GLOBO, *William Waack é afastado do Jornal da Globo*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/william-waack-afastado-do-jornal-da-globo-22046985>. Acesso em: 3 set. 2019.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PELICIONI, Andréa Focesi; TOLEDO, Renata Ferraz de. A educação e a comunicação para a Promoção da Saúde In: ROCHA, Aristides Almeida; CHESTER, Luiz Galvão Cesar; RIBEIRO, Helena. *Saúde Pública: Bases Conceituais*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2013, p. 199-211.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. Educação e complexidade: os sete saberes na prática pedagógica. In: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição (orgs.). *Os sete saberes necessários à educação do presente: Por uma educação transformadora*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012, p.129-147.

SANTOS, Silvio Oliveira. Princípios e técnicas de comunicação. In: PHILIPPI JR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. *Educação ambiental e sustentabilidade*. 2. ed. Barueri: Manole, 2014, p. 509-536.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *A ética de lado a lado: Fontes de notícias e jornalistas frente a frente*. Diálogos Possíveis, v. 11, n. 1, jan. 2014. ISSN 2447-9047. Disponível em: <http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/17/16>. Acesso em: 3 set. 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação.

Comunicação & educação. São Paulo. Ano XIX. n. 2, jul/dez 2014, p.15-26. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>. Acesso em: 19 nov. 2018.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTANA, Mayara Jordana Sousa. Educação e comunicação em Paulo Freire: reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freireano. *Comunicação & Mercado*, Dourados, v. 3, n. 8, jul./dez., p. 4-15, 2014.

WILSON CENTER, Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/about-the-wilson-center>. Acesso em: 3 set. 2019.